

# Ainda Estou Aqui

*por Pedro Silvano Gunther*



As casas de Itapoá estão sendo substituídas, aos poucos, por edifícios. Além de ser inevitável, devido ao desenvolvimento econômico da cidade, essa nova realidade pode ter muitas vantagens.

Jaime Lerner, o urbanista que amava as cidades e conhecia os seus problemas como ninguém, defendia um adensamento “inteligente”. Bairros que sejam como cidades compactas. Onde se possa morar, trabalhar e desfrutar do lazer sem usar o carro. Tudo ao alcance de uma caminhada, ou uma “bicicletada”. Mistura de rendas, mistura de usos... eu diria “mistura fina”, lembrando a antiga marca de cigarros. Bairros onde possam morar tanto o dono da padaria quanto o padeiro. No caso de Itapoá, ainda temos o veranista e o turista. Esse arranjo tem as vantagens adicionais de impactar positivamente na sustentabilidade e viabilizar uma infraestrutura urbana de qualidade.

Ou seja, é pra cima que vamos seguir. Poderemos, ainda, melhor desfrutar da vista deslumbrante das nossas praias, do oceano atlântico, dos morros que nos cercam e do céu majestoso, no alvorecer e no entardecer.

Lembrei de tudo isso ao ler o artigo de Rogerio Goldfeld Cardeman, no site do Caos Planejado ([aqui](#)), em que ele discute a transformação urbana, usando como exemplo a casa da família de Rubens Paiva, mostrada no premiado filme “Ainda Estou Aqui”. Diz ele: “Localizada na orla do Leblon (Rio de Janeiro), com a praia como pano de fundo, ela representava não apenas um lar, mas também um espaço de convivência em um bairro cuja paisagem era marcada por casas e áreas de lazer que integravam a vida dos moradores. As filmagens foram feitas em outro local, pois a casa não existe mais e deu lugar a um edifício residencial”. E acrescenta: “Mas como o Leblon passou de um bairro com casas como aquela para um cenário predominantemente composto por prédios de alto padrão, onde alguns apartamentos ultrapassam os 100.000 reais por metro quadrado?”

O que me motiva a trazer o assunto aqui, além de nos lembrar dessa inevitável transformação, é que “ainda estamos aqui”, os moradores antigos, e podemos registrar para a posteridade como eram “as coisas”, “antigamente”.

Como ilustração, além das fotos do antes e depois da casa do Leblon, trago um caso especial de Itapoá: a icônica casa construída por Mansueto Serafini, em meio a uma quadra inteira, de frente para o mar, para acomodar sua família. Depois de décadas servindo aos filhos, netos e bisnetos, está dando lugar a um empreendimento que abrigará duas centenas de apartamentos.



Edifício construído onde era a casa da família Rubens Paiva